

REVISTA DE ARTE E DE CRITICA

ANNO I

DEZEMBRO DE 1878

NUMERO 3

A ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

CONSIDERAÇÕES

Varios collegas nossos felicitam o sr. Joaquim Martins de Carvalho, redactor do *Conimbricense*, em virtude da «elevação» do laboriozo jornalista ao «posto» litterario de sócio da Academia das Sciencias.

Nós abtemo-nos de jubilos e de saudações e deploramos sinceramente que um dos raros nomes illustres do jornalismo contemporaneo portuguez seja nivelado, mediante a profanada distincção, com o das mais razas mediocridades que por ahí temos.

¿Que vale, que representa no movimento litterario do nosso paiz a existencia da triste corporação? Que luz tem ella derramado entre nós sobre as questões scientificas do nosso tempo? Que estimulo, que animação encontram n'ella os escriptores honrados, da geração de hoje? Que titulos recommendam os nossos immortaes á veneração, á estima e á gratidão dos neophytos? Que bullas, creadas pelo Estudo, transformam em desacato as nossas palavras de revolta, perante a authoridade grotesca de um tal agrupamento?

Olhemos em torno de nós e saibâmos vêr com seriedade os documentos do processo. Dos nomes litterarios que dão lustre e gloria á geração moderna em Portugal *nem um só* mereceu até hoje á curiosa academia a distincção de um diploma: nem Guerra Junqueiro, nem João de Deus, nem Theophilo Braga, nem Anthero de Quental, nem Eça de Queiroz, nem Gonçalves Crespo—que Portugal reclama,—obtiveram o beneplacito, prodigamente concedido ao sr. Alberto Pimentel, ao sr. Soares Romeu, e, como recompensa irrizoria, a um erudito investigador, a um denodado luctador da imprensa, merecedor da *abstenção* respeitoza, por parte dos liliputanos!

Uma lucta vigorosa, em que peze á indecizão apparente, vae hoje travada nos dominios da Arte, e os espiritos cultos antevêm no horizonte uma reacção violenta e dolorosa. O esforço individual,—porventura o fanatismo dos que ainda crêem na Arte como couza immaculada e pura,—chama, a espaços, o olhar d'este povo para o movimento de além; em lucta com o quadro de indiferença desalentadora da maioria e dos poderes publicos e com a inercia e o rebaixamento dos *immortaes*, um e outro luctadores isolados acompanham aquelle movimento. É assim, por exemplo, que a questão, de tão enorme alcance, tão complexa e tão profunda, da ultima phase do Realismo artistico,—da orientação scientifica applicada á systematização critica da Litteratura,—suscita entre os homens moços, sem beneplacito academico, divergencias e contestações, e é-nos licito afirmar que a sabia corporação a que alludimos não produziria, empenhando todos os seus esforços, uma breve Memoria sobre o discutido assumpto.

(N'estas accuzações abrimos uma excepção respeitoza para alguns dos membros da primeira classe da Academia).

De quando em quando, os jornaes da capital dão-nos breve noticia de uma e outra sessões da Academia das *Sciencias*. A espaços, reúnem-se, no palacio do Saber, uns sete ou oito academicos, sempre os mesmos: o sr. Vilhena Barboza, o sr. Luiz Garrido, o sr. Bulhão Pato, o sr. Teixeira d'Aragão e outros, que n'este momento esquecemos. Da solemne reunião sae-nos o registro das esmolos de livros, remettidas do estrangeiro e a proposta de nomeação de qualquer Alberto Pimentel para socio correspondente do delizioso gremio scientifico.

Que os *immortaes* se abstenham de conferir a homens de provado merito recompensas que desauthorizam! Pois não vêem os excellentissimos que a sua burlesca *distincção*, pertinazmente recuzada aos maiores talentos da geração d'hoje, é uma distincção burlesca, atirada como afronta aos trabalhadores de consciencia? Que a irrizoria Academia se consulte: crê na sua importancia litteraria, no seu futuro, nos seus direitos á estima publica? Crê que buscamos deprimir-lhe, contestar-lhe os gloriosos fóros? n'esse cazo, que os *immortaes* nos confundam, a todos nós, descrentes da sua grandeza: estabeleçam conferencias, publiquem memorias, afirmem o estudo: dêem signal de vida! Não é adiando eternamente a publicação de um triste Dicionario, não é com as intriguinhas de bastidor contra os espiritos altivos que lhes arrancaram a mascara de omnipotentes, não é com puerilidades, despejadas do fundo da gaveta para o fundo dos almanachs de tostão, não é com rapsodias de Quintiliano, em elogios historicos, nem com prefacios pontificaes, sem critica, em volumes de versos sem sabôr, que os excellentissimos hão de provar-nos que sabem e podem e valem como *elite* dos espiritos cultos do paiz.

Emquanto o não fizer, a Academia das Sciencias de Lisboa continuará sendo o grande symbolo da ex-tagnação das ideias e da negação da Critica e só terá dos espiritos cultos um momento de attenção grave: quando um seu diploma vier *honrar* um homem trabalhador, um espirito illustrado e progressivo.

SILVA PINTO.

MARAT

Como um tigre ama os filhos, elle amava
O povo, com violento amor insano,
Elle era «o velho soffrimento humano;»
Do seu craneo — um vulcão! — sahia lava.

Viveu n'uma caverna, em furia brava,
Pedindo sangue, como o Siva indiano,
Rugindo contra todo o vil tiranno
De cujo despotismo suspeitava.

Acaso foi, d'esses heroes sublimes,
Que, só por muito amar, comettem crimes?
Gritam padres e reis: — Chacal! chacal!

Responde a Historia: — Tinha uma doença,
Que teve Sylla: a precisão immensa
De suspeitar o crime e crêr no mal.

O CASO

«Ne l'oubliez pas! c'est comme en-
nemi de César que Jésus fut immolé.»

Sermão do Abbade Fauchet em 1789.

Mil e oitocentos annos são passados
Depois que veio o Christo ao velho mundo,
Dar-lhe vida: que o tinham moribundo
Os Cesares de Roma, depravados.

Mas eu não vejo os tempos melhorados:
Reina sempre na terra um mal profundo,
Geme a virtude, canta o vicio immundo,
Em vão clama a Justiça em roucos brados.

Ora, uma noite, eu vi em sonhos Christo,
Que vinha envolto n'uma pobre capa,
E tudo me explicou, dizendo-me isto:

«Filho, escuta! ao demonio nada escapa;
Eu, de luctar com elle, já desisto;
Annullo o Cesar... e elle inventa o Papa!»

FERNANDO LEAL.

LUIZA

DRAMA ORIGINAL EM 3 ACTOS

(EM PREPARAÇÃO)

ACTO I

SCENA II

LAURA, (*sentando-se e enchugando os olhos*):— Sou
a mulher de Alberto, minha senhora!

LUIZA,— Já o sabia.

LAURA, (*com severidade*):— Preveniu-a, decerto, o
instincto?...

LUIZA, (*affectando humildade*):— Não, minha senho-
ra; o instincto não me dá fóros de vidente. Foi sim-
plesmente a minha creada quem m'o disse.

LAURA,— Ah!... mas o que a sua creada não lhe
disse, decerto, foi o porquê da minha vinda a... *esta*
casa.

LUIZA, (*com intenção*):— *Esta casa é sua, minha se-
nhora (com altivez ironica): sua é dos seus...*

LAURA, (*com amargura*) — Dos meus, principal-
mente...

LUIZA, (*insistindo*):— Principalmente dos seus...

LAURA, (*contendo-se e mudando subitamente de tom*):
— Fallemos claramente!

LUIZA — Estou justamente esperando clareza desde
que vossa excellencia me deu a honra de procurar-me.

LAURA — Pois bem! fallarei claramente: ha dois
mezes que um anjo mau invadiu o nosso lar domesti-
co — meu e de meu marido. A amizade, tranquillidade e
boa, que nos ligava, depois da destruição natural do
sentimento que nos unira, essa mesmo desapareceu:
o nosso viver tornou-se um inferno de todos os mo-
mentos: senti-me envelhecer aos vinte annos (*com de-
sespero*); senti-me humilhada e ferida no meu amor de
mulher, nos meus direitos de esposa, na minha autho-
ridade de mãe. E porque, santo Deus?! (*Luiza sorri,
observando-a a furto*). E por quem?... disseram-
m'o ha dias: indicaram-me o seu nome: quiz vel-a —
e vi-a... É formosa, minha senhora (*com desprezo e
amargura*); mas a honra é tambem uma religião e o
homem, a quem liguei o meu destino e a quem meu fi-
lho deve o sêr, foi... pouco exigente, quando lhe sa-
rificou, a um tempo, o culto d'aquella religião e os
deveres sagrados da paternidade.

LUIZA (*com um olhar de odio*) — Começo a perceber...

LAURA (*com desespero*) — Ainda bem...

LUIZA (*interrompendo*) — Começo a perceber que
veiu a minha casa, para insultar-me. Principiou pelas
lagrimas (*com ironia*), mas arrependeu-se a tempo.

LAURA (*com desespero*) — É a senhora quem me
accuza de *representar* consigo! a senhora, cujos dotes
de actriz me enluctaram o coração e a familia! Oh mi-
nha senhora! eu não vim aqui trocar insultos: vim
chamal-a ao pudor, em nome de meu filho, em nome
dos laços de familia, que a senhora desconhece e ul-
traja, em nome (*com exaltação*) do dever, se esta pala-
vra existe ainda para si!

LUIZA (*contendo uma explosão; com ironia e amar-
gura*):— Olhe, minha senhora: agradeça aos dotes
de *artista*, que me attribue, a serenidade de que lhe
dou provas... Quem é a senhora? Que suppostos di-
reitos, — convencionaes no fim de tudo, — são esses,
que lhe abrem a minha sala e lhe védam a cortezia
para commigo? Ama um homem: e tenho eu culpa
(*erguendo-se violentamente*), eu, que tambem o amo, de
que o meu amor vá feril-a, á senhora, que me despreza
e que me odia?! Que amor é esse seu, que não sabe
soffrer e que vem fazer alarde de soffrimentos junto á
creatura desprezível (*com odio*)?! Desprezível! Eu sei
que conta lhe merece, que sentimentos lhe inspira a
comediante! eu sei que a alma d'uma mulher *da moda*,
como eu, minha senhora, é bem tristemente aquilatada
pela sua virtude. A senhora—oiga esta verdade cruel,
já que a provocou — entendeu que bastava a garantir-
lhe o eterno amor de seu marido o *laço matrimonial*.
O seu amor egoista julgou-se completamente seguro,
mercê do vinculo da maternidade. Unida a um espirito
superior, vulcanico, arreatado, nem ao menos soube
estudal-o, comprehendel-o! O homem que *hoje chora*
não lhe mereceu tal *excesso* de ternura! Depois, quando
esse homem foge de sua casa, ao acolhimento glacial,

egoista, inspirado no *dever*, e busca no coração de outra mulher o sentimento de fogo, que não encontrou no lar, a senhora, a mulher de mármore, falla-me do *dever* e da maternidade, insulta-me, desce á triste confissão da sua cegueira e dos resultados d'ella e nem ao menos comprehende que desmascára o seu egoismo! sim!... se a senhora o amasse não lhe pedia retribuição: amar sem esperança, sem um raio de luz n'esse inferno d'uma vida inteira; nada pedir; nada esperar; dedicar-se e morrer em silencio: isso é que é o amor! Tudo o mais é mesquinho e miseravel!

LAURA (*faz um esforço por fallar; afinal, recosta-se, soluçando, na cadeira. Luiza olha-a com desdem. Laura, afinal, erguendo a vista,—com serenidade triste:*)
—E eu que julgava amal-o quanto é licito amar n'este mundo!

LUIZA, (*com piedade desdenhosa:*)—Pobre criança! Julgou que lhe era dado fallar da tempestade, sem lá ter deixado o coração!

SILVA PINTO.

O POETA MORIBUNDO

(IMITAÇÃO DE LAMARTINE)

Sinto o sepulchro abrir-se e estou cheio de vida!
Em cada halito meu vae uma hora perdida;
Caminho para o abysmo e não posso parar!
A aza da morte impelle o bronze que me chóra,
Ouço-lhe já os sons, chegou-me tambem a hora:
É preciso cantar.

Cantarei com fervor, tenho os dedos na lyra;
A morte inspira o cysne, a morte é que me inspira
Ao partir para sempre, ao buscar novos ceus.
É presagio feliz esta minha alegria.
Minha alma não é mais do que amor e harmonia,
Um canto é seu adeus.

A lyra que se quebra espalha um som divino;
A lampada que morre arqueja um raio fino,
E brilha como nunca antes de se apagar;
O cysne canta só, quando o bafeja a morte;
O homem lamenta a vida, o homem é menos forte
E succumbe a chorar.

A saudade do mundo é quem lhe traz o chôro.
—Vale a pena cazar a minha voz ao côro
Que deplora perder os gozos mundanaes?
—Ah! não vale, decerto. O tumulo é rizonho;
Trabalho, raiva, fel, de quando em quando um sonho
A vida... e nada mais.

O homem teme deixar este mundo de enganos,
Prende-se á vida até co'a furia dos insanos,
Co'a tyrannia vil de nojento grilhão!
Eu vejo alegre a morte e vou de frente erguida
Lançar o corpo meu á eterna guarida,
A' terra, á podridão.

O poeta é semelhante ás aves de passagem
Que não constroem nunca os ninhos sobre a margem,
Que atiram para o ceu a dulcissima voz,
Que se espreguiçam no ar, o seu leito jocundo,
Que vão passando além, atravessando o mundo
N'um adejar veloz.

Mão nenhuma jamais sobre a corda sonóra
De minha alma imperou, alma que nunca chóra;
Nada o homem ensinou á natura fiel.
O regato aprendeu a arrastar a corrente?
A aguia a tocar o ceu n'um vôo independente?
A abelha a compor mel?

A humanidade eleva a Deus festivo canto,
Ou deixa derramar em abundancia o pranto;
Olha com chôro a morte e com rizo o hymineu,
O seu peito é cysol de alegrias e dores,
A tudo presta um culto, aos espinhos, ás flores,
A' terra, ao mar, ao ceu.

E' como em noite escura o vento que suspira,
Os gemidos cazando á terna, aquaria lyra,
Compondo um hymno assim medonho e festival.
Eu, alegre viajôr, suspendo os largos passos,
Sem conseguir saber, d'onde vem os compassos
Do duo original.

Minha lyra tem sido ás vezes dedilhada
Nas horas de infortunio e sempre alegremente.
A dôr embriaga até meu forte coração.
Do pampano co'um golpe o reçumbrar desliza,
O balsamo floresce aos pés de quem o piza,
Beija o escravo o grilhão.

Co'um bafô ardente Deus edificou minh'alma,
Tudo quanto ella sente, ou desconsolo, ou calma.
Dom fatal! Tudo deixa a existencia por fim!
Tudo que me rodeia em pó se torna, um dial!
O viver é loucura, uma densa utopia,
Ao menos para mim.

Tudo acaba, Senhor! — A gloria não. — Que importa
O echo que este seculo ao vindouro transporta,
Uma illusão brilhante, atirada ao porvir?
Vós, a quem no futuro, ella prometeu nome,
Escutae o meu canto e o ardor, que vos consome,
Tremendo hade fugir!

Dar á morte desculpa, — uma illusão — concordo,
Mas julgar que o porvir levará a seu bórdo
É repetirá sempre o nome d'um heroe!...
É insigne loucura o confiar na gloria!
A inveja esmaga aos pés as paginas da historia,
Reputações destroe!

O homem, só na vaidade, atira-se á loucura,
Indifferente ao dever, á vida nobre e pura,
Incapaz do trabalho, um criminozo, um vil!
Cega-o o fatuo brilhar de luminoso fama,
Busca n'alma um affecto e a alma, chorando, exclama:
—Vae longe o meu abril!

Lanço o meu nome á gloria, á sua onda sem praias,
Atiro o meu orgulho ao ceu que não tem raias;
Serei maior depois?—Porque?—Quero-o saber?
A aguia que vóa até ás vastidões celestes
Extenuada cae, nos monturos terrestres,
Para não mais se erguer.

Porque é que eu canto assim?—Perguntae á calhandra
Porque a canóra vóz espalha pela gandra,
Em canto festival que lhe eria rivaes.
Eu canto sem querer, como o homem respira,
Como o infante sorri, como o vento suspira
Na harpa dos pinheiraes.

Amar, orar, cantar: eis toda a minha vida.
Tenho a consciencia limpa, ando de frente erguida,
Não receio morrer, amo e não temo Deus.
No coração ergui um templo ás suas crenças,
Adora-o minha Mãe, eu vou com as sentenças
De antepassados meus.

Vêr da belleza aos pés carpir a amoroza lyra,
Dizer em cada som tudo quanto ella inspira,
Quanto sente a nossa alma a transbordar de amor;
Sorver no seio o pranto ao anjo que se adora
Como o sol matutino as lagrimas da aurora
Sorve da cõma á flôr;

Vêr o modesto olhar da virgem innocente
Voltar-se para o ceu, turvado tristemente,
Querendo-nos fugir co'o derradeiro som;
Depois vel-o cahir, cheio de casta chamma,
Que a mente nos endoia e o peito nos inflamma,
No fogo da paixão;

Vêr passar-lhe na frente uma cõr incendida,
A palavra faltar-lhe á bocca comprimida,
Do seu longo silencio ouvir enfim dizer
A palavra de Deus, — palavra não lhe chamo, —
Um Evangelho d'amor, resumido n'um — Amo! —
É mais do que viver!

Um suspiro! um pezar! escuro e negro véu!
Sob as azas da morte a minha alma vae ao ceu;
Eu vou com seu instincto ajoelhar ante Deus.
Vou onde meu olhar vê brilhar a esperanza,
Ao ceu que imaginei nos tempos de creança,
Nos breves sonhos meus.

Como a ave que vê na escuridão sombria,
A fê, esse olho d'alma, é e foi o meu guia;
Seu prophetic instincto entreabriu-me o porvir.
Quantas vezes, Senhor, presentimento enorme
Mostrou-me do futuro o barranco desforme
Onde eu hia cair!

Não escrevaes meu nome em tumular moimento,
Deixai que o mundo esqueça o que nem um só momento
Em vida abandonou as crenças de Jezus.
Dai-me um pequeno espaço, á beira mar situado,
Onde eu possa dormir um somno descansado,
Velado pela cruz.

Quebrae, lançaes ao mar, aos ventos, ás procellas
A minha pobre lyra e dizei ás estrellas
Que ella já não tem sons que lhes possa offertar.
Como tudo morreu! Seus ultimos harpejos
Foram hymnos d'amor, constellações de beijos,
Expirou a cantar!

ERNESTO PIRES.

O SR. THEOPHILO BRAGA

E OS

SEUS DETRACTORES

O illustre professor do Curso Superior de Lettras, o sr. *Theophilo Braga*, — o poeta da *Vizão dos Tempos*, o historiador critico da Litteratura Portugueza, — que seria gloria e alvo de profunda veneração de qualquer paiz illustrado, obteve recentemente, mais uma vez, provas de animadversão, profundamente logicas e coherentes, por parte de um dos órgãos da imprensa lisbonense, — no caso em questão, representante unico, accrescentemos, da rotina, da ignorancia e da podridão.

O órgão supra chama-se *Diario Illustrado*.

A nossa *Revista* é lida fóra do paiz: julgamos, pois, agradável dever, de proficua execução, transcrever o seguinte protesto, dos allumnos do Curso Superior de Lettras, — protesto que só obteve do miserando órgão triste appellação para um qualquer informador, cujo nome, até hoje, não surgiu.

Segue o documento:

«Nós abaixo assignados, alumnos e ouvintes do 1.º anno do Curso Superior de Lettras, inspirados nos estímulos de dignidade de todo aquelle que só préza a verdade e a justiça, completamente indifferentes a qualquer influencia que se não traduza em aproveitamento intellectual, e absolutamente alheios a todas as relações e a todas as dependencias academicas, declaramos, livre e expontaneamente, falsas e sem fundamento as insinuações e accusações, directas ou indirectas, que se têm tornado publicas com o fim de macular o caracter e a capacidade cathedratice do professor de Historia Universal e director do mesmo curso o sr. dr. *Theophilo Braga*, e bem assim, protestamos contra a malevola ou insciente interpretação das doutrinas expostas até á ultima lição, nas quaes só um espirito rachitico ou uma intelligencia acanhada poderá descobrir elementos de propaganda republicana. Declaramos ainda, que o que fica exposto, não é nem podia sel-o, a defesa de quem não carece d'ella, nem a admittiria, como espirito elevadissimo e invulneravel a todos os respetos: o que tentamos é tão sómente afirmar que nos julgamos dotados do criterio preciso, e que deve suppôr-se em estudantes de um curso superior, para distinguirmos um methodo proficua de uma catechese politica.

Lisboa, 25 de novembro de 1878.

(Alumnos)—Bartholomeu Salazar Moscozo—Carlos

Maria dos Martyres—D. Diogo de Sousa—Francisco Valejo de Araujo Juzarte—Jayme Ernesto Alegro—João Maria Amado de Mello Ramalho—João Monteiro—J. F. de Azevedo e Silva Junior—José Joaquim Augusto Sant'Anna—José dos Santos Coelho Godinho—José Theodoro dos Santos Ferreira—José Valentim Fialho de Almeida—Pedro Silveira da Motta de Oliveira Pires—Thomaz de Mascarenhas.—(Ouvintes)—Antonio Ferreira Mendes—Carlos A. Rego Lima—Joaquim Maria Travassos Valdez—José de Carvalho de Azevedo Lobo—José Maria Rego Lima—Luiz Fortunato da Fonseca—Mariano Pina—Ventura Faria do Azevedo.

RAPHAEL.

INDIANNAS

I

VASCO DA GAMA

Foi-se a tempera dos peitos
 Dos portuguezes leões!
 Quem sabe de que eram feitos
 Seus robustos corações?
 No turbilhão da matança
 A ponta da adversa lança
 Lhes gravava eterna a herança,
 Dos gigantescos brazões.

Foi-lhes nas faces graval-os
 A cimitarra sem dó;
 E tão fundo, que apagal-os
 Nunca pôde o sangue e o pó!
 E eram todos por a frente;
 E cada um d'elles, ingente,
 D'estes herões do Occidente
 Ao mundo fallava, só!

Se algum caía por terra,
 Sob a turba, ou pelo ardil,
 Dava-lhe as horas da guerra
 O proprio moiro anafil.
 Eram-lhes feras mortallas
 D'Ormuz e Diu as muralhas,
 Nas homéricas batalhas
 De quarenta contra mil.

Dae lugar, nações absortas,
 Dae-nos o nosso lugar:
 Vae abrir do Oriente as portas
 O capitão d'Além-mar!
 Tal feito, que a mente inflamma,
 Foi preciso á nossa fama,
 Para commettel-o um Gama,
 Um Camões para o cantar.

D'esse Gama o vulto infindo
 Quem o pôde ir hoje erguer?
 Era um Nestor reflectindo,
 Um Ajax a combater.
 Não cansa o braço possante:

Ganha um mundo; segue ávante;
 E vae depois, como Atlante,
 O mesmo mundo suster.

Inda todo salpicado
 Do sanguinoso matiz,
 Leva o saio arregaçado
 Trasbordando de rubis.
 Ao seu rei sagra contente
 As novas joias do Oriente,
 Arrancadas ao crescente
 Da c'róa dos Çamoris,

Quando a juba sacudia
 O leão occidental,
 Goa arfava, Adhem tremia
 No seu leito de cristal!
 N'um gesto, heroe generoso,
 Do teu braço glorioso,
 Chamaste um rei venturoso,
 Fizeste um povo immortal.

Erecto, na pópa altiva
 Do teu nobre galeão,
 Soltas á brisa lasciva
 O portuguez pavilhão.
 És monarcha d'esses mares;
 E, senhor dos indios lares,
 Tomas posse dos palmares
 Do Sabayo e do Hyd-al-kão.

Entre as dobras da bandeira
 Pendente do mastareo
 Involta a figura inteira,
 Qual em novo, regio veo,
 Os castellos constellados
 Revistas, como soldados
 Pela costa perfilados,
 Pés no mar, frontes no ceo.

Cae o Malaio transido,
 Com assombro dos rivaes,
 A vez primeira vencido
 Sobre a terra de seus paes.
 Não te impede força ou traça:
 Pões o pé na astuta raça
 Sobre as pedras de Mombaça,
 Entre os ferros dos Çaimaes.

Emtanto, o reino, de ovante
 Fita o olhar no espaço azul,
 Quando lhe mostra o almirante
 As primicias do Cabul.
 É elle que, em nova empresa,
 Lhe abre a estrada da riqueza,
 E as galeras de Veneza
 Deixa ás portas de Stambul.

No elephante inda sentado
 Sobre um throno de marfim,
 Manda á côrte o aprisionado
 Rume, ou Naire, ou Abexim.
 De Cambaya nos pavezes
 Crava a lança; e, bastas vezes,

De Calecut nos arnezes
Mede as páreas de Cochim.

Vaes aos cryptos monstruosos
Dos Brahmanes e dos reis,
Apoz dias tormentosos,
Aos teus guerreiros fieis
Escolher as sepulturas:
Não achas, em vão procuras...
Não davam taes estaturas
Nem as indicas Babeis.

Para terem, Titães novos,
Sepulchro digno de ti
Vences povos sobre povos
Até dizeres: «aqui!»
No espaço não te constringes;
Dás ás prostadas phalanges
Por câmpa, o leito do Ganges
Por loisa, os serros d'Elhi.

E dás por Deus aos domados
Do teu gládio a ferrea cruz!
Se elles indagam pasmados:
—«D'onde vens? quem te conduz?»
Logo a replica te occorre;
—«O sol só meu berço corre;
«Minha patria nasce e morre
«Onde morre e nasce a luz!»

D'esses oceanos athleta,
Venceste até no louvor:
Pôde a penna do poeta
Mais que o ferro do esculptor.
Em vão, porque o Athos dome,
Alexandre se consome;
Mas Camões gravou teu nome
Na face do Adamastor.

II

DIU

Nos tempos venturosos de algum dia
N'esses tempos de crença e de esperança
Em que a chamma da patria n'alma ardia,
Praticamos acções de tal pujança,
Que não podem cobrir-lhes a valia
Nem as façanhas da moderna França,
Que tanta gloria pelas armas toma,
Nem os velhos annaes de Grecia e Roma.

Que o diga o poder todo de Cambaya
Em torno a Diu unido em cerco estreito;
E, entre as hostes sem fim que ao longe espraia,
O Rume-Kão feroz, á guerra affeito,
Contando que a postrema pedra caia
Só por dizer, nfano de tal feito,
—«É meu, e assim vinguei tantos revezes,
«Este pó que foi já dos portuguezes!»

Dos defensores são apenas centos,
São dos contrarios muitos os milhares;

Crescem, estes, a todos os momentos;
Tem contra, aquelles, os tufões e os mares;
Combate com propicios elementos
O moiro e o persa á porta de seus lares;
Longe dos seus o luso, em tal desterro,
A um tempo a mingua affronta e empunha o ferro.

Mas debalde o sultão embravecido
Seus thesouros empenha e seus estados,
Duro o turco e o janizaro aguerrido
Debalde envia em batalhões cerrados.
Coge-Çofar, o capitão temido,
Blasphemo expira aos pés dos seus soldados:
Rebenta o bronze, que as trincheiras fende,
Cae tudo; mas a praça não se rende.

Diu! Eterno padrão! Que acções honradas
Dos egregios avós ao mundo contas!
Mostra as tuas ameias mutiladas,
E os tropheus com que a injuria desaffrontas!
Mostra o que fostes, ás gerações prostradas,
Alerta, prompto o braço, as armas promptas,
Desvelada em continuos sobresaltos,
E mais firme depois de vinte assaltos.

E' pequena esta voz da debil ode,
Frouxo o hymno de humilde *engenho e arte!*
O sudario dos seculos sacode,
Falla tu mesma, ó Diu! Em toda a parte
Attesta quanto o humano esforço pôde;
E basta, e sobra, para eternisar-te,
Ante o povo, e ante a fé, por quem te empenhas,
O nome e o coração de um Mascarenhas!

As bombardas retroam fulminantes,
Com rouco estrondo que o pavor espalha;
Abrasados das chammas crepitantes,
Ferve o sangue no fogo da batalha;
Treme de horror nas pedras vacillantes
O roto spectro do que foi muralha;
Mas ovantes pompeiam nas ruinas,
Nas mãos da fama fusilando as quinas.

Tufa o vento do golpho, mais tremendas,
As largas pregas, confusão dos moiros.
Festejando estas inclitas contendadas,
Prognostico feliz de novos loiros,
Sorri-lhe o ceo azul por entre as fendas
Abertas pela furia dos peloiros:
Cravado em cinzas, o estandarte ingente
O imperio portuguez firmou no Oriente.

Mas quantos, quantos jazem moribundos
Á sombra tua, triumphal bandeira!
Quantos d'elles, terriveis em dois mundos,
Te dão, tombando, a saudação guerreira!
Mais d'um, tirando ao peito os sons profundos,
Murmura na agonia derradeira
—«Minha alma entrego a Deus, meu amor á gloria!»
E cae morto nos braços da victoria.

Outros, revendo em ti, por seu tormento,
A patria ausente, e os prantos do consorte,
Vão abraçar-te, recolhendo o alento,
Para acabarem como acaba o forte;
E, enviando-to o adeus do passamento,
Dobram, calando a dôr, saudando a morte,
No chão rubro o joelho despedaçado,
Que a Deus sómente,—e ao rei,—tinham dobrado,

Qual das veias arranca a frecha hervada,
E vae sagrar-t'a aos pés, fero holocausto
Que prova como, proximo do nada,
Inda sobra o valor no peito exausto!
Qual a charpa beijando ensanguentada,
Prenda saudosa d'um amor infauisto,
Suspira um nome, incognito gemido,
Que só dos anjos pôde ser ouvido!...

*

Do bravo sitiador a sanha ardente,
Crescendo co'as derrotas repetidas,
Porfia astuta, lavra cautamente
Com traça nova occultas investidas;
E rasga, por tal arte que a não sente,
A prudencia que zela tantas vidas,
Nas entranhas da propria fortaleza
A creatura que em breve estala acesa.

Renova o moiro infido os seus furores,
Como que em franco assalto combatendo;
Mas, pondo a mira nos ardis traidores,
Larga o campo, sagaz retrocedendo
Porque já, sob os pés dos vencedores,
A serpente de fogo vae correndo...
Rompe a chamma, o ar foge, a terra parte;
E feito um cahos, vóa o baluarte.

Os barbaros com feros alaridos
Tornam de golpe aos bastiões desfeitos,
Mas encontram, reparos não rendidos,
Sobre os escombros, invenciveis peitos;
Assombram-se; e, volvendo espavoridos,
Nem sequer, mais cruéis que satisfeitos,
Quando o vacuo medonho surge á vista,
O inflammado vulcão tem por conquista.

Cinco,—só cinco!—impavidos ousaram
Suster o impulso aos bastos assaltantes;
O braço ao braço oppondo, a turba encaram,
Mais que heroes n'uma lucta de gigantes:
Entre um bosque de lanças sustentaram
A brecha horrenda, firmes como d'antes;
E viu-se, com braveza desusada,
No mesmo golpe entrar mais d'uma espada.

Ai! cara gloria, feito doloroso,
Que ao crestado laurel murcha a verdura
Com tanto sangue, e sangue tão precioso!
Ali acharam morte e sepultura
Coutinho, Sousa, Almeida e o Grão-Reynoso,
O temerario Ajax,—audaz figura,
Que nem ao raio quer voltar o rosto,
E deixa a vida, mas não deixa o posto.

Tambem lá foste, ó Castro denodado,
Gentil mancebo, digno, por tua alma,
De tal pae, de tal nome, e de tal fado.
Do leito morbido em que a dôr se acalma
Saes a buscar a campã do soldado,
E do soldado achaste a heroica palma,
Antepondo com brios sobre-humanos
A flor da heroicidade á flor dos annos.

Mas ficam outros, a quem move a lança
Irresistivel furia ao ver tal scena.
A' frente d'elles a bradar vingança,
Esforça a todos, e por todos pena,
O grande Mascaranhas que não cança:
Soldado e capitão combate e ordena;
Mais que um pae nos desvelo que o consomem,
Nas acções de guerreiro mais que um homem.

Um saque apoz outro é repetido,
O exemplo e a voz animam a peleja.
Onde o risco é maior mais atrevido
De Mascaranhas o guião flammeja.
O proprio sexo fragil, destemido,
Aos mais fortes varões causando inveja,
Com desprezo da morte a lucta accorre,
Auxilia, combate, incita... e morre!

Uma vela! outra! e outra!—Grato instante!
São as galés do vice-rei que chegam.
Cada qual mais intrepida e arrogante,
Empavezando os flammulas navegam.—
São Jorge, e a elles! Pela brecha! Avante!
Largas, ondas de sangue as praias regam,
E o ecco d'este embate furibundo
Vae d'Asia á Europa, sae da Europa ao mundo!

MENDES LEAL.

MOVIMENTO RELIGIOSO

II

Quando existia o monachismo, instituição sugeri-
da pela santidade da religião de Jesus, e convertida
para logo em realidade pelos perfeitos e consummados
na virtude, mas que se derruiu mais tarde pela sensua-
lidade rebuçada em manto de burel e pelo crime dis-
farçado em hypocritas macerações;—quando existia o
monachismo, o pavimento das Egrejas era varrido pelo
arrastar da victima em lucta desesperada com os sel-
vagens catholicos-romanos; e as Imagens foram mui-
tas vezes testemunhas silenciosas de scenas tremendas
entre mulheres crentes em Deus, que defendiam o po-
dor, e homens, que, inflammados pela sensualidade ex-
cedente á sensualidade pagã, se esqueciam da morali-
dade representada nas Virgens, da justiça representada
na Cruz, na innocencia representada na Hostia.

Os monges faziam voto de castidade, porém ti-
nham em pouca conta o sexto do Decalogo! Juravam
uma cousa, e cumpriam outra... Nas epochas em que
o fanatismo attingiu as ultimas proporções d'uma do-
ença epidemica, em que a superstição desfigurava a

verdade a fim de levar os crentes ao obscurantismo, ao esquecimento da sua individualidade, á negação da existencia affectiva, — a mulher era arrancada, como planta daninha, do lar, ambiente e terreno onde floresce e respira, onde põe em pratica a sensibilidade, expressão do amor materno, o mais augusto de todos os sentimentos da natureza, o mais admiravel de todas as inspirações do instincto: — a innocencia era perseguida tenazmente, olhando muitas vezes de saudosa para a Cruz, a quem pedia amparo, quando não baqueavam ambas, protegida e protectora, do throno onde as collocaram a mão da Santidade e os impulsos da fé legitima: — a perversidade, finalmente, armava muitas vezes o braço para ferir covardamente, e desarmava-o para a consolação e para a virtude, arrancando-lhe o Crucifixo que servira, em epochas mais religiosas, para revigorar a senilidade ao inclinar-se para o tumulo, para estabelecer o direito entre o escravo e o senhor, para converter á fé o heretico e o selvagem, para fazer recuar o verdugo ante a mulher insultada, e desarmar o braço do assassino ante a innocencia lacrimosa!

Tremendos foram os crimes: mas a mão do homem bateu em cheio nas portarias dos mosteiros, e os monges estremeceram nas suas cellas, porque o remorso se ergueu — para lhes bradar: «É chegada a hora da justiça!»

E no dia em que ella souu, os mosteiros derruíram-se, como que se Deus mandasse um cataclysmo abalal-os e destruil-os!...

Os conventos desapareceram para satisfação da moralidade; e a razão que os destruiu, ha-de destruir tambem o celibato do sacerdote.

A Igreja, a fim de pôr obstaculo aos crimes inspirados pelo impudor, instituiu o sacramento do matrimonio, e deixou o padre fóra d'elle, como se não estivesse tambem sujeito ás mesmas exigencias do organismo, como se não fosse tambem homem com coração para amar, e órgãos de geração para reproduzir.

Roma não teve escrupulos de roubar o padre á familia. Esta imposição foi suggerida pela politica mundana d'ella, e não pela idéa de desviar a sacerdote das cousas terrenas. Era necessario que o padre fosse instrumento cego dos interesses temporaes de Roma; era necessario que obedecesse aos seus mandatos sem influencia externa que lhe diminuisse a actividade e prendesse o coração; e por esse motivo ordenou, o que as instituições militares ordenam aos soldados, o celibato, para os fazerem destemidos e consagrarem todo o seu amor á causa que são chamados a defender sem pias de ordem nenhuma.

O padre foi outr'ora soldado de Roma!

(Continúa).

SOUZA MOREIRA.

OS RIDICULOS

Aqui tosquam-se camêlos

...

O *Diario de Portugal* escreve no seu n.º 323:
«São uns massadores (refere-se aos ébrios voga-

bundos) que incommodam a policia, e depois a imprensa que, em face da moral, tem de dar contas dos seus *dislates*...»

Sobre a construcção grammatical, uzada pelo franchinote, ha opiniões divergentes:

1.ª opinião — O franchinote allude, nos seus *dislates*, aos *dislates* da imprensa.

2.ª — Allude aos *dislates* dos ébrios.

3.ª — Allude aos *dislates* da moral.

4.ª — Allude aos *dislates* da policia.

Alfacinha de má morte, ahi tens a nossa opinião:
Zzzzzzuvut!... (1)

Apreciando um livro de estudo, escreve o franchinote do *Diario* supra:

«Que juizo poderá fazer uma *criança da sociedade do tempo de D. Henrique (Zut!)*, e do poderio de Afonso VI, para firmar sequer *uma idéa leve (Zut!)*, do caracter do progenitor do 1.º rei de Portugal?»

Alguem, aqui á nossa beira, pretendia responder: — «Homem de Deus! a *criança da sociedade do tempo de D. Henrique* — se tal *criança* resuscitasse — poderia estudar o reinado de Afonso VI e de tal estudo derivar para a comprehensão do cazo escuro.»

Quiz responder isto, — alguem: mas nós pedimos-lhe silencio.

Responderemos nós:

Zzzzzzuvut!... (2)

O encarregado dos ridiculos,

RAPHAEL.

EXPEDIENTE

Não podemos ainda dar no presente n.º a prometida poesia inedita de Alexandre Braga. O illustre juriconsulto pelas suas muitas occupações, não pôde satisfazer aos nossos retirados pedidos, mas prometteunos para o 4.º n.º, sem falta, a anciada composição.

*
*
*

Por mais que a nossa colera se desate em improperios sobre o revizôr d'esta folha, o disparate tem fóros de cidade; em virtude da criminoza teimozia, temos a rectificar o seguinte, no precedente numero:

Onde se lê *alcôuce*, leia-se: *alcôuce*.

E, onde se lê *ducumento*, leia-se: *documento*.

*
*
*

Um cazo grave: — O sr. Alberto Pimentel desistiu do concurso á cadeira, vaga, do Curso Superior de Lettras.

Promette, porém, estudar os pontos do concurso. Damnadas linguas commentam:

— *Pimenteis* velhos não aprendem linguas...

(1) E' arabe.

Nota do compositor

(2) idem.

SILVA PINTO.